

Timor-Leste: o massacre de Santa Cruz (1991)

No dia 12 de novembro de 1991 os militares indonésios dispararam indiscriminadamente sobre cerca de dois mil jovens timorenses que se encontravam no cemitério de Santa Cruz, em Díli. Participavam numa sessão de homenagem a Sebastião Gomes, um membro da resistência, depois de terem participado na celebração de uma missa. Foram mortas 271 pessoas no local e 127 viriam a morrer de ferimentos nos dias seguintes. Ainda hoje, a localização de muitos corpos continua a ser desconhecida.

O massacre foi filmado pelo repórter de imagem Max Stahl, e o vídeo passou na CNN abrindo os olhos do mundo para o que se passava em Timor-Leste. Até à exibição das imagens, as autoridades indonésias negavam que tivesse existido um massacre em Díli, pelo que a sua divulgação deu reconhecimento e impulso internacional à causa timorense.

As imagens do massacre geraram uma grande comoção e uma onda de solidariedade em Portugal, até porque mostravam que as pessoas no cemitério estavam a rezar em português.

Em novembro de 1991, o jornal *O Setubalense* refere-se, pela primeira vez, à notícia do massacre de Santa Cruz, sublinhando que «Os recentes acontecimentos em Timor chamaram a atenção para uma situação que já se sabia existir, mas que nunca tinha sido tão amplamente divulgada» (*O SETUBALENSE*, 1991, 22 de novembro: 1 e 8). Sobre o assunto, o jornal foi ouvir os testemunhos dos grupos de timorenses residentes em Setúbal, que eram os porta-vozes da Convergência Nacional Timorense em Portugal. Estes denunciaram o impasse que se verificava na tomada de posição de vários países, nomeadamente Portugal, Estados Unidos da América e Austrália, perante o massacre, sublinhando que este foi mais um entre muitos anteriores cometidos pelo Governo indonésio sobre o povo timorense, inclusivamente mais mortíferos, mas que nunca foram divulgados.

Além disso, criticaram a posição da Igreja Católica, principalmente do papa João Paulo II, que se mantinha calado perante os acontecimentos, sobretudo, tendo em conta que o massacre ocorreu num cemitério e que o povo timorense era maioritariamente católico (*Ibidem*).

Porém, em Setúbal, o bispo D. Manuel Martins condenou firmemente o massacre, afirmando a sua solidariedade com o povo timorense e apelando à ONU, aos Estados Unidos e à Austrália para exercerem a sua influência «para que este povo viva e possa ser aquilo que quiser», mostrando, assim, o seu apoio à independência de Timor-Leste (*Ibidem*: 1). Em consequência do massacre de Santa Cruz, a diocese de Setúbal dinamizou uma campanha de solidariedade com o povo timorense, nomeadamente, através das seguintes ações: uma recolha de fundos com o objetivo de minorar as carências dos timorenses; uma recolha de assinaturas para um abaixo-assinado a enviar ao presidente dos Estados Unidos; a organização de uma celebração litúrgica por ocasião do 30.º dia do massacre (*Ibidem*, 25 de novembro: 9). Nesta celebração, realizada na Sé Catedral, o bispo, D. Manuel Martins condenou a apatia da comunidade internacional para com Timor-Leste e reafirmou que «Todos os povos têm direito à autonomia, a serem respeitados nos seus desejos de autodeterminação e independência» (*Ibidem*, 16 de novembro: 8). Tornou-se numa das vozes mais ativas em defesa da independência deste território.

A situação vivida em Timor-Leste levou à tomada de posição pública de vários setores sociais e políticos, pelo que *O Setubalense* decidiu inserir na sua página de informação regional as posições das edilidades do distrito. Estas mostravam o repúdio pelo massacre e um apelo à comunidade internacional e ao governo português para resolverem a questão timorense (*Ibidem*, 29 de novembro: 1, 5 e 6; *Ibidem*, 2 de dezembro: 5).

Muitas das campanhas de solidariedade com o povo timorense realizadas em Portugal, após o conhecimento das imagens do massacre de Santa Cruz, foram dinamizadas pelos jovens, que condenavam o massacre e a ocupação indonésia do território timorense, exigindo uma tomada de posição do Governo português e da ONU a favor da independência deste território. Em Setúbal, os jovens do distrito também se juntaram a esta onda de solidariedade, promovendo sessões de debate nas escolas, manifestações públicas de solidariedade e lançando a campanha «Uma Carta por Timor», de forma